

A Propósito do Diagnóstico das Psicopatias

TASSO RAMOS DE CARVALHO

Ao analisar o conceito de normalidade, já dissemos alhures que se nos afigura difícil, senão impossível, traçar a linha divisória, segura e infalível, entre os estados *normal* e *anormal* dos indivíduos, sob o aspecto bio-sociológico. Não há que insistir.

Todavia, para tornar claro nosso raciocínio aqui, diremos que achamos haver entre o *normal* e o *anormal* uma faixa mais ou menos ampla, onde a maioria dos autores colocava uma terceira categoria, a dos *marginais* ou *fronteiriços*. De nossa parte, preferimos considerar as personalidades apenas como *normais* ou *anormais*, ainda que corramos o risco de rotular um caso duvidoso numa dessas duas categorias, pois, atualmente, os termos *marginal* e *fronteiriço* não são bem aceitos nos meios científicos. Esse assunto foi discutido após comunicação feita ao Primeiro Congresso Nacional de Ciências Neurológicas e Psiquiátricas, no México, em dezembro de 1960. Sobre o assunto, assim se expressou REMUS: "El término *fronteirizo*, nosologicamente hablando, es insuficiente. De hecho, sólo indica que un paciente está seriamente enfermo, pero no psicótico del todo. Está en desuso en las modernas psiquiátricas con bases dinámicas, y no aparece en la clasificación de la Asociación Psiquiátrica Americana". Embora não traduza exatamente nosso pensamento, aqui fica a citação.

Pensamos que, considerando as personalidades apenas sob o aspecto normal ou anormal, essa atitude decidida evitará um prejuízo maior, qual seja o de criarmos um "saco sem

fundo", no qual seria julgada uma grande parte de casos da psiquiatria e da psicopatologia forense: os *demi-fous*, de GRASSET.

As *personalidades normais*, vale dizer, harmoniosamente ajustadas, de acôrdo com as várias exigências sociais do grupo a que pertencem, contrapõem-se as *personalidades anormais*, isto é, aquelas que, pelo contrário, nem sempre se ajustam a tôdas as mencionadas exigências, distinguindo-se das outras, em virtude de anomalias mais ou menos acentuadas de seu comportamento, conforme acentua PIMENTEL.

Dentre as personalidades anormais, encontramos as chamadas *personalidades psicopáticas* ou *psicopatias*.

No grupo das psicopatias, enquadram-se aquêles indivíduos que apresentam parada do desenvolvimento da afetividade e diminuição ou falta do senso comum e moral. Entretanto, as personalidades psicopáticas conservam a capacidade intelectual pròpriamente dita e a boa compreensão dos conhecimentos gerais. Daí chegarem certos psicopatas a galgar situação de destaque e a alcançar os mais altos postos da administração pública.

Tais indivíduos, cuja personalidade anormal ou transviada pode mostrar uma conduta irregular desde os verdes anos, geralmente demonstram freqüentes manifestações agressivas que são muito mais intensas que nos indivíduos normais. Ao estudar os *Aspectos da personalidade*, pela aplicação da técnica de ROSENZWEIG, em grupos de condutores de veículos, em nosso meio, NAVA *et al.* observaram um índice de agressividade muito mais acentuado naqueles que apresentavam características de personalidade psicopática.

As características de psicopatia podem ser estruturadas em três planos, a saber: da vivência, da conduta e da periculosidade. Dentro dêsses planos caracterológicos, encontramos a propensão às reações emotivo-afetivas de caráter impulsivo, que fazem sofrer quem as experimenta e que, devido a elas, fazem a sociedade sofrer.

ALLENDY, entre outros, é de opinião que não existe motivo justificado para qualificar como nitidamente patológicas essas

personalidades anormais. Por outro lado, observamos que as psicopatias estão compreendidas em quase tôdas as classificações de doenças mentais, antigas e recentes, ou, na maioria delas, considerando tanto as nacionais como as estrangeiras. Com relação às nacionais, basta citar a Classificação das Doenças Mentais, aprovada pelo V Congresso Brasileiro de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, a 6 de novembro de 1948.

CHAZAL assinala que a característica geral dos psicopatas ("strictu sensu", já sabemos) é a pequena capacidade de o indivíduo ajustar-se satisfatoriamente ao ambiente, para adaptar sua conduta à disciplina da conveniência. Releva acrescentar que nós outros fazemos distinção entre *ajustamento* e *adaptação*. Esta tem uma acepção mais social; aquêle, mais psicológica. Um neurótico, por exemplo, pode estar adaptado a uma situação, mas não estar ajustado. E isso é comum acontecer.

O exemplo que damos, do neurótico, poderia estar parecendo estranho num trabalho sôbre personalidades psicopáticas, mas não o é. Não é estranho porque autores de renome não fazem diferença entre neurose e psicopatia. Alguns colocam as personalidades psicopáticas entre os neuróticos. Outros o fazem de maneira inversa, colocando os neuróticos entre as personalidades psicopáticas. Se não, vejamos. SCHNEIDER fixa o conceito de neuroses: "reações a conflitos internos. As reações a conflitos internos seriam mais próprias das psicoses de reação, mas o mesmo autor acha que não podemos delimitar nitidamente umas de outras, como por exemplo, a vivência do fracasso ou da humilhação (acontecimentos e conflitos externos) incendeia conflitos internos. Como isso é por demais freqüente, melhor é renunciar às discussões teóricas e bizantinas e incluir os neuróticos entre as personalidades psicopáticas" (NELSON PIRES).

Do ponto de vista psiquiátrico, as personalidades psicopáticas significam uma *desorganização na unidade dinâmica do indivíduo*, ou uma *desorganização da personalidade*, denunciando a afecção mental, ainda em estado de potencial, sus-

ceptível de se agravar e de se transformar num verdadeiro quadro clínico. Isso pode ocorrer após um abalo ocasional ou pelo agravamento espontâneo das aptidões constitucionais.

Muitas vezes, as anomalias das personalidades psicopáticas permanecem durante toda a vida, no estado de esboço, nunca se acentuando, nem revelando traços nitidamente patológicos. O que nelas observamos são deformações ou desvios conseqüentes do desenvolvimento desarmonico das qualidades caracterológicas, estigmatizando seu modo de ser e agir. As anomalias verificadas, no que diz respeito à vida emocional, à defeituosa capacidade de adaptação e ao sentimento moral das personalidades psicopáticas não significam rotura com a realidade, particularidade essa do gênero psicótico. Todavia, por exagêro progressivo de seus traços característicos, podem evoluir para o estado real mórbido. A moléstia que surge, então, nada mais é do que a sistematização ou a cristalização das anomalias constitucionais anteriormente verificadas, como dissemos. Assim, as personalidades psicopáticas abrangeriam as desarmonias da formação da personalidade, que poderiam determinar estados psicóticos, quando influenciadas por fatores genotípicos, fenotípicos e paratípicos.

Essas idéias vêm opôr-se a outras que admitiam a personalidade psicopática apenas como "anormalidade constitucional". As modernas correntes psiquiátricas presumem a existência de um grupo de tendências, fazendo parte da personalidade inata do indivíduo e de várias outras influências que atuam de modo discreto ou nítido, conforme dizem DELMAS & MARSALET.

As personalidades psicopáticas também podem ser compreendidas como simples produtos de uma evolução psíquica incompleta, não tendo alcançado o *quantum* ideal, ou seja, o grau suficiente de maturidade.

As psicopatias constituem o capítulo mais espinhoso da psiquiatria e da psicopatologia forense, no qual os êxitos conseguidos têm sido os mais modestos, apesar do grande interesse apresentado pelo seu estudo. Esse assunto atinge o âmago da psicopatologia forense, principalmente no que diz

respeito à imputabilidade. A respeito, assinala CARRARA, em *Antropologia criminale*, e continua chamando à atenção, em sua *Medicina legale*, da importância do estudo das personalidades psicopáticas nas relevantes conseqüências médico-legais.

Considerada como fenômeno de regressão atávica e como manifestação de epilepsias, latente ou larvada, a doutrina lombrosiana da delinqüência e da agressividade não encontra eco científico na atualidade, no dizer de LASTRES. Se assim a entendemos atualmente, por outro lado, não negamos seu valor de pioneira em novos estudos. Ela abriu caminho às investigações que, mais do que ela, parecem estar de acôrdo com a realidade.

Assim, consoante o testemunho de GIBBS & GIBBS, confirmado posteriormente por inúmeros autores, como, por exemplo, PENFIELD & JASPERS, foi verificada a influência do aspecto constitucional nas descargas corticais disrítmicas na quase totalidade dos epilépticos, bem como a presença do ritmo que oscila entre 4 a 7 ciclos por segundo, lento, *theta*, primitivo e característico da infância, em psicopatas e enfêrmos mentais agressivos, em epilépticos e em delinqüentes violentos.

A localização dominante do lobo temporal dêsse ritmo e de outras anomalias eletroencefalográficas são freqüentes em indivíduos com transtôrnos de conduta e reações anti-sociais. Por isso, acreditamos que, com o advento de aperfeiçoamentos das técnicas aplicadas à eletroencefalografia, tais como o pelo sono natural ou induzido, empregado por ALBERNAZ & ALBERNAZ, possamos contar no futuro, com achados mais freqüentes nos traçados eletroencefalográficos, os quais certamente confirmarão as primeiras observações.

Já foi referida a primazia delituesa dos epilépticos e sua identidade, nesse e em outros sentidos, com as personalidades psicopáticas. Portanto, haveria estreita vinculação entre epilepsias, psicopatias, instinto agressivo e delito. Todavia, o fenômeno da disritmia dos epilépticos não é qualitativamente diferente de episódios análogos correspondentes a outros es-

tados mentais mórbidos conhecidos. Além disso, embora a *perseveração* (inclusive a perseveração na excessiva agressividade) seja referida por muitos autores, como o sinal peculiar mais contraditório na personalidade dos epiléticos, conforme muito bem acentua o Professor JOSÉ LEME LOPES, não é possível, no momento atual dos conhecimentos, traçar psicogramas característicos para as diversas formas de epilepsias. Daí surgiram certas dúvidas, quanto à tão citada identidade entre as epilepsias e as personalidades psicopáticas.

As psicopatias são consideradas, por alguns, como variantes patológicas de tipos de sistema nervoso estudados na doutrina de PAVLOV, conforme procura demonstrar o Professor I. F. SLUCHEVSKI, catedrático de psiquiatria do Instituto Nacional de Kirov. Para êle, "a base fisiopatológica dos diversos tipos de psicopatia é o aparecimento de transtornos estáveis, em condições desfavoráveis, nas relações das principais propriedades da atividade nervosa superior e na interação do segundo e primeiro sistemas de sinais das substâncias cortical e subcortical. Essas variantes patológicas de tipos de sistema nervoso não se encontrariam nos tipos fortes, equilibrados, senão entre as variantes de tipo débil e muito desequilibrado". A seguir, o autor anteriormente citado passa a considerar a importância dos reflexos condicionados nas psicopatias. E fica nisso...

Como vemos, por êsse e outros trabalhos, a psiquiatria russa é concebida em base puramente organicista.

A crença na herança, tanto física como moral, está enraizada em todos os meios. A hereditariedade é tida na maior importância no caso das personalidades psicopáticas. De fato, muitos indivíduos podem apresentar miopragias mentais ou fragilidades psíquicas, caracterizadas por um conjunto de tendências inatas. Se o patrimônio hereditário estiver formado por taras familiares, haverá possibilidade de surgir daí uma personalidade psicopática. Todavia, na expressão de MAUCO, "en cualquier momento el ser humano puede corregir lo inato por lo adquirido y la herencia por el ambiente".

Sabemos que o destino de um homem é condicionado, em grande parte, por sua estruturação hereditária, estruturação essa que cada um de nós recebe dos genitores e que já se integra no próprio momento da concepção. Entretanto, há outros fatores que modificam o ser humano, quer pelas condições que regem seu desenvolvimento, quer por sua ambiência.

O homem não pode ser encarado isoladamente, antes ou depois de chegar à compleição unitária, pois, suas correlações com outros indivíduos, com o grupo social, condicionam seu "status" às diversas decorrências culturais. Tôdas as suas formas de conduta são influenciadas pelas vivências impostas por seu agrupamento social. O homem e o mundo constituem uma unidade indissolúvel, de caráter dinâmico e evolutivo, que se traduz na conduta, asseveram SCOTT & CHARLES.

A influências sociais e culturais encontradas na reunião de dados obtidos das personalidades desajustadas, de modo geral ou particular, demonstram reações que tomam o caráter mais ou menos intensamente mórbido ou patológico, de acôrdo com a relação da constituição e do temperamento do indivíduo, segundo "Una noción fundamental para el estudio de la personalidad", apresentada por SEREBRINSKY.

As anormalidades verificadas na plasmação da personalidade provêm dos desvios hereditários e dos impulsos adversos do ambiente, uns e outros influindo na personalidade integralizada que, na lição oportuna do Professor J. MADEIRA NEVES, "é o resultado final, o fator que realmente pesará nas conjecturas médico-legais, tanto na infância, quando ela ainda se esboça, como mais tarde, quando já estará definitivamente sedimentada".

À medida que a psiquiatria sofre a influência das modernas escolas psicológicas e sociológicas, vai diminuindo na mesma o papel da crença na predestinação genotípica e aumentando o papel positivo ou negativo dos fatores ambientais. Essa evolução processa-se vigorosamente, na atualidade. Há confirmações valiosas na moderna ecologia humana, pelos trabalhos de PIERSON, MILLIET e ROCHA Fº, entre tantos outros.

Com o desenvolvimento da ecologia humana, em moldes científicos e sistemáticos, tratando das relações dos homens entre si, do entrelaçamento dos diversos elementos em ação e reação recíprocas, constituindo a chamada *teia da vida*, verificamos que a psiquiatria recebeu mais uma preciosa contribuição das ciências sociais, na expressão de RIBAS. Face à ecologia, as doenças mentais apresentam-se como manifestações da desorganização social, ou seja, da excessiva mobilidade, susceptível de verificar-se em certas zonas (FARIS & DUNHAN).

Ao estabelecer o "Conceito e diagnóstico da predisposição psicopática", NOBRE DE MELO acentua que, em verdade, o que sustentamos atualmente é que, em patologia ou anormalidade mental, não existe uma etiologia unívoca. O que na realidade domina é o conceito de estruturação dos fatores *patogênicos* e *patoplásticos*, a tal ponto que já não podemos falar senão em predominância endógena ou exógena.

Admitimos que certos distúrbios mentais são hereditários, portanto, ligados a um fator genético que determina uma constituição neuropsíquica anormal. Esse fator não regula as maneiras de anormalidade, mas exige a intervenção de outros fatores (fisiológicos, psicológicos, sociológicos) secundários ou intercorrentes, para que os distúrbios surjam de tal ou qual forma. Nesse sentido, várias hipóteses poderiam ser formuladas, mas nenhuma ciência que encarasse apenas um aspecto unilateral estaria ainda em condições de confirmar ou negar estas hipóteses. Esta é a opinião de LAFORA, com a qual concordamos.

A psiquiatria clássica costumava dedicar um capítulo bastante confuso às personalidades psicopáticas. De acordo com as tendências modernas — escreve IRACY DOYLE — as personalidades psicopáticas perderam o fôro de entidade nosológica à parte. O critério dinâmico aproxima esses indivíduos dos neuróticos e psicóticos, pois, em última análise, todos eles apresentam uma estruturação psicológica defeituosa. A diferença é que, nos neuróticos e psicóticos, a dificuldade pessoal exprime-se por comportamentos larvados (insidiosos), que

até há pouco não haviam sido reconhecidos pela psiquiatria, e, de modo mais alarmante, por sintomas, aos quais esta especialidade sempre prestou atenção. Por outro lado, nas personalidades psicopáticas, não existem propriamente sintomas, no sentido médico, mas apenas um modo de ser, sentir, pensar e agir, que orienta a deficiente adaptação, ou melhor, deficiente ajustamento às exigências sociais. O psicopata constitui o tipo em que o modo de ser, isto é, a estrutura psicológica traduz-se por conduta anti-social. Dentro dessa orientação, podemos considerar o psicopata como uma forma especial do caráter neurótico. A aproximação lembrada por IRACY DOYLE vem opôr-se aos conceitos dos que estavam habituados a pensar em termos de degeneração, em todos os seus raciocínios e diagnósticos. Todavia, a hipótese de defeito congênito, tão do agrado da psiquiatria clássica, não chegou a ser provada. Preferimos adotar a opinião mais moderna, e bastante difundida na América do Norte, de que o egoísmo soberano, a hostilidade incontida e principalmente a incapacidade de interessar-se pelos seus semelhantes, que parecem ser fundamentais no psicopata, tanto podem ser estimulados pela rejeição profunda, sofrida muito precocemente pela criança, como por atitudes educativas que condicionam o indivíduo no sentido do egocentrismo desenfreado, conforme muito bem acentua IRACY DOYLE.

SCHNEIDER lembrou a dificuldade do diagnóstico de personalidade psicopática, em virtude da fugitiva transição entre as vivências normais e as reações anormais a vivências. Em muitos casos, depende vastamente do julgamento do observador, particularmente de seu mundo de valores, se ele quer julgar uma reação ainda como normal ou já como anormal.

Todos sabemos da dificuldade de tal diagnóstico. Daí surgir nossa discordância completa com os autores, aliás, em pequeno número, que ainda hoje tratam o assunto de maneira simplista e dogmática, defendendo pontos de vista obsoletos: "A personalidade psicopática é um anormal biológico, nasceu assim; o desajustado, um anormal social, tornou-se assim"...

Absolutamente, não concordamos com êsse ponto de vista, que não resiste à análise mais superficial. Entre nós, já houve quem demonstrasse maior incidência das personalidades psicopáticas na cidade do que nos meios rurais (e muito maior), acreditando que os grandes centros oferecem as causas propícias ao seu desenvolvimento. Logo, as personalidades psicopáticas *não* “nascem assim”...

NOBRE DE MELO revela que os atuais conhecimentos psicológicos e psiquiátricos mostram não existir limite definido entre a estrutura diferenciada da personalidade e a estrutura primitiva.

O diagnóstico de personalidade psicopática afirma um desajustamento do indivíduo, aliás, elemento de maior evidência, quando não o único. Êsse diagnóstico é feito pela estrutura dinâmica da personalidade e baseado na *teoria maturidade-imaturidade*.

As anomalias de estrutura, de relação ou nutrição, ainda irreconhecíveis pelas novas técnicas de exploração microscópica, às vezes são traduzidas por perversões da personalidade, comumente pouco acentuadas, isto é, como que esboçadas, escreve DUPRÉ. Outras vezes, são mais nítidas e manifestas, mesmo aos olhos do leigo, afetando todos os graus, tôdas as formas e combinações, constituindo um terreno predisposto, onde pode progressivamente expandir-se a moléstia nitidamente caracterizada, ou seja, um terreno onde já podemos vislumbrar elementos que preenchem, preparam e explicam o aparecimento de uma psicose (RIVAS).

A personalidade psicopática é considerada um *estado anômalo da personalidade*, como já foi dito, não constituindo apenas uma *simples imperfeição do caráter*, ainda menos nos estados qualificados de “originalidade”, “excentricidade” ou “esquisitice”, como lembram DUPRÉ, BACHET e BETTIOL. A personalidade psicopática não se confunde com o aspecto singular ou os aspectos particulares de mentalidades decorrentes do predomínio de certos traços fornecidos por “moralistas” ou por críticos literários da matéria de suas próprias análises e dos modelos de seus retratos, casos êsses, já refe-

ridos por DUPRÉ. O que verificamos nos primeiros, queremos dizer, nos “moralistas”, que são os mais comuns e se acham infiltrados por tôda parte, é um dinamismo psicológico de “escape”. Por êsse dinamismo projetivo, os “moralistas” atribuem a outros o que sua consciência condena em si próprios, particularmente seus defeitos e suas faltas. Com isso, sentem-se aliviados os “moralistas”, fariseus de todos os tempos, legítimos corifeus da sociedade e das “igrejinhas”.

De acôrdo com o princípio psicanalítico da tripartição da personalidade adulta, o caso dêsses “moralistas” é explicado pela predominância do *Super-Ego* sôbre o *Ego* e o *Id*. Por trás de sua aparentemente exagerada consciência moral, quando o *Ego* se libera da influência do *Super-Ego*, então aparece um fundo agressivo-criminóide, de grande intensidade, e o “moralista” mostra-se capaz de uma crueldade sem limites. Quais pílulas venenosas, recobertas por fina camada adocicada, os “moralistas” acham-se envolvidos por astuciosa aparência de bondade e de justiça. Enfim, são pessoas más, perversas. Todavia, não chegam a ser personalidades psicopáticas.

Diferente é o caso das personalidades psicopáticas, que possuem o pensamento rudimentar e imaturo, principalmente guiado pelos princípios da fase pré-lógica ou mágica, e apresentam predominância do *Id* sôbre o *Ego* e o *Super-Ego*.